



BRASIL TEVE DÉFICIT DE US\$ 60 BILHÕES EM METAL-MECÂNICA, QUÍMICA E ELETROS

País não completou a industrialização

O Brasil não é um país industrializado, apenas detém algumas regiões desenvolvidas, como a Grande São Paulo. A afirmação é do economista Gustavo Santos, do BNDES. Ao lado de outros quatro autores, Santos desenvolveu estudo defendendo uma política industrial para implantar no Nordeste indústrias dos setores eletrônico, metal-mecânico e químico – características de países desenvolvidos.

Esses setores, que amara-

garam déficit de US\$ 60 bilhões, em 2008, teriam, ainda, a vantagem de alavancar a renda *per capita* do Nordeste para níveis semelhantes aos de Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

“Sul, Sudeste e Centro-Oeste têm futuro promissor, pois contam com bom nível industrial e são cada vez mais competitivos. O Centro-Oeste está se especializando na produção agrícola, mas tem população pequena, o que favorece a renda *per capita*”, comenta

Santos, em entrevista exclusiva ao MM, acrescentando que o Nordeste tem renda *per capita* de um terço das dessas regiões, sendo que, na comparação com São Paulo, ela é de um quinto.

“No Sudeste e no Sul, o desenvolvimento começou pela agricultura, só que o Nordeste não é capaz de produzir grãos. O início da industrialização naquela região deve começar a partir de políticas públicas”, defende.

Santos considera a “onda da

inovação” um dos grandes erros dos últimos 15 anos: “Quando não se sabe produzir não há como inovar. Isso não se inventa num escritório. Há que se dominar todas as etapas do processo produtivo. Os chineses desconsideraram a questão da inovação, mas hoje, para eles, inovar é uma brincadeira. Primeiro é preciso saber copiar, para saber fazer, para depois inovar. É assim em todas as áreas do conhecimento humano.”

Página 3



Entrevista

Gustavo Santos / Economista do BNDES

Política industrial tem de priorizar metal-mecânica, eletro e química

É possível acabar com o déficit comercial brasileiro, de US\$ 60 bilhões, nos setores centrais da indústria – metal-mecânica, eletrônica e química – e, ao mesmo tempo, igualar a renda *per capita* do Nordeste à renda nacional.

Para os economistas Gustavo Santos, Bruno Galvão, José Francisco Sanches da Silva, Eduardo Kaplan Barbosa, todos do BNDES, e Rodrigo Medeiros, professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), basta incentivar a instalação das indústrias de bens duráveis, sobretudo eletrônicos, da cadeia de peças de metal e de plástico específicas, e perseguir metas de exportações.

Para tanto, além de vontade política, os pesquisadores recomendam que seja aproveitado o amplo conhecimento adquirido em 40 anos de existência da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

Santos enfatiza que uma política industrial dessa dimensão deve começar pela eletrônica, que exige pouca água na produção e tem tecnologia mais acessível:

“Uma das grandes barreiras ao desenvolvimento nacional é a deficiência produtiva do setoreletrônico. O Brasil seria desenvolvido em uma geração, se a capacidade produtiva dessa indústria aumentasse a ponto de gerar superávit em sua balança comercial”, afirma Santos.

Nesta entrevista exclusiva ao MM, ele lembra que as exportações do setor eletrônico foram um passo imprescindível no desenvolvimento do Japão, da Coreia do Sul, de Taiwan e da China.



Nando Neves

Gustavo Santos: ‘Sem política industrial, setor de eletrônicos brasileiro já teria morrido’

“A política industrial transformou o Leste Asiático em uma potência econômica”, comenta Santos.

De acordo com a Associação Brasileira da Indústria Elétrica Eletrônica (Abinee), nos países da OCDE, o setor de eletroeletrônicos corresponde a 12% do PIB. No Brasil, não supera os 4,4%. Para a Abinee, chegando a 7% já será possível financiar as importações de componentes.

O parque industrial do Brasil faz dele um país desenvolvido?

Não. Hoje o Brasil tem um grande problema: alto déficit das indústrias centrais (metal-mecânica, química e eletrônica), principal base econômica de um país desenvolvido. A China entrou nisso agora, por isso está se desenvolvendo. O Brasil hoje é um grande importador.

Em 2008, amargou déficit de quase US\$ 60 bilhões – US\$ 10 bilhões em metal mecânica e US\$ 25 bilhões na química e US\$ 22 bilhões na eletrônica. Significa que não somos um país industrializado. Apenas São Paulo é um estado industrializado. Sul e Sudeste e Centro-Oeste têm futuro promissor, pois têm bom nível industrial, cada vez mais competitivo. O Centro-Oeste tem população pequena e está se especializando na produção agrícola.

O Nordeste não deveria seguir o caminho trilhado pelo Centro-Oeste?

No Sul e no Sudeste, o desenvolvimento realmente começou pela agricultura, só que o Nordeste não produz grãos. O início da industrialização da região não pode ter a agricultura como base, tem de partir direto para a indústria. Como o Brasil tem um buraco nessa produção da indústria central, o seu desenvolvimento no Nordeste, além de reduzir nossa vulnerabilidade externa, ajudaria a reduzir a desigualdade regional de renda.

Por que começar pela eletrônica?

Além de consumir pouca água, essa indústria tem tecnologia mais acessível que a química, por exemplo.



Com a política cambial em vigor é possível alavancar o setor de eletrônicos?

O câmbio sobrevalorizado certamente dificulta, mas a política industrial é válida em qualquer situação e torna-se mais necessária quando o câmbio está sobrevalorizado. Nossa indústria ainda está viva porque existe alguma política industrial.

O que poderia inviabilizá-la é se as empresas estivessem fechadas, o que não é o caso. Com certeza, nossa indústria eletrônica só sobrevive por causa da política industrial vigente, que protege o mercado interno para o processo de montagem dos equipamentos, tanto que, em boa parte do setor, o grande fornecedor é a empresa brasileira. Só o contrabando consegue concorrer.

Existem condições políticas para o Brasil entrar nesse mercado?

No início dos anos 90, com o fim da reserva de mercado, disseram que o bonde já tinha passado. Mas a China só entrou nesse mercado cerca de quatro anos depois. Ou seja, havia muito mercado. Essa produção depende de custo baixo de mão-de-obra e ainda é produzida em países de salários altos. Ou seja, ainda temos condições de sermos competitivos, sobretudo para suprir o mercado regional, no qual poderemos ser mais rápidos que os chineses.

Como competir com a mão-de-obra barata da China?

O Brasil não tem condição de ter mão-de-obra mais cara que a China por muito tempo. Lá os salários aumentam 7% ao ano e, se desvalorizarmos um pouco o câmbio, já nos igualamos. Não podemos ter salário mais alto que a China também porque nossos trabalhadores são menos qualificados e nossos custos são mais altos. Ou temos um custo de mão-de-obra mais barata ou destruímos a indústria brasileira em geral.

Menor custo de mão-de-obra não causa prejuízo para a qualidade de vida?

No caso do Nordeste, haverá ganho de poder aquisitivo. O salário do trabalhador dos setores centrais da indústria equivale ao do metalúrgico, em torno de R\$ 800, que é alto para os padrões brasileiros. Se qualificarmos o trabalhador e pagarmos um salário assim, estaremos elevando nossa remuneração média, daí a vantagem de qualificar mão-de-obra em lugares com baixo custo de vida: competiremos com a China e ainda melhoraremos muito a qualidade de vida nesses locais.

Por que é necessário aglomerar os setores metal-mecânico, química e eletrônica num mesmo espaço territorial?

Somente o setor químico tem mais US\$ 25 bilhões de déficit. Essas indústrias precisam estar juntas para serem competitivas. Já estão juntas na Grande São Paulo expandida – que vai até o Vale do Paraíba – e em outros pontos do território, como em alguns do Sul e de Minas Gerais.

Esses setores se aglomeram entre si, precisam um do outro para serem competitivos. Por isso existe concentração no mundo inteiro. No Brasil, cerca de 50% das manufaturas (fábricas) estão concentradas em São Paulo apesar dos custos mais altos, por que precisam estar aglomerados, como na Grande Paris, em Detroit, Xangai ou Hong Kong. Esses centros fabricam bens duráveis, que usam componentes químicos, metálicos e eletrônicos. Para construir um eletrodoméstico ou um carro, são necessários especialistas em todas essas áreas.

O Nordeste tem isso?

Não é difícil formar essa mão-de-obra. Entre três e seis meses, no máximo um ou dois anos, as escolas técnicas podem formar trabalhadores com alto nível de qualificação. Mas não basta formar mão-de-obra, é necessário dar incentivo, sobretudo para a ponta da cadeia, para demandar fornecedores e criar um complexo industrial. Esses setores, por sinal, ainda oferecem muitos empregos, sobretudo o metal-mecânico, que emprega muita gente e paga os melhores salários. Nesse setor há dificuldade para automatização, pois os produtos novos são feitos em escala pequena. Não vale a pena, no início, investir em maquinário pesado de automação. A tendência é usar ferramentas de uso genérico, com menor grau de automação.

O desenvolvimento do setor eletrônico alavancaria a inovação no país?

A onda da inovação foi um dos grandes erros dos últimos 15 anos. Quando não se sabe produzir não há como inovar. Isso não se inventa num escritório. Há que se dominar todas as etapas do processo produtivo. Os chineses desconsideraram a questão da inovação, mas hoje, para eles, inovar é uma brincadeira. Primeiro, é preciso saber copiar, para saber fazer, para depois inovar. É assim em todos os conhecimentos humanos.

□ **Rogério Lessa**